

Crônicas de Paulo Ribeiro: algumas manifestações jornalístico-literárias¹

Chronicles by Paulo Ribeiro: some journalistic- literary manifestations

Marcell Bocchese²

Lisana Bertussi³

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo principal elucidar de que forma a crônica pode ser considerada um gênero de fronteira entre o jornalismo e a literatura. Para tal, lança-se mão de três crônicas contidas na obra *Quando cai a neve no Brasil* (2004), do escritor gaúcho Paulo Ribeiro. Após abordagens histórica e conceitual acerca de algumas aproximações entre jornalismo e literatura, e também sobre o gênero crônica, o artigo realiza algumas análises com o intuito de comprovar e enquadrar a crônica como gênero híbrido.

Palavras-chave: Literatura. Jornalismo. Hibridismo. Crônica.

ABSTRACT

This article main objective is to elucidate how chronic can be considered a border gender between journalism and literature. In order to do it, it has been select three chronicles in the book *Quando cai a neve no Brasil* (2004), by the writer Paulo Ribeiro, from Rio Grande do Sul. After historical and conceptual approaches about some similarities between journalism and literature, and also about the chronic gender, the article develops some analyzes in order to prove and frame the chronicle as hybrid genre.

Keywords: Literature. Journalism. Hybridity. Chronicle.

1 Artigo recebido em 18-4-12. Aprovado em 13-6-12.

2 Mestre em Letras, Cultura e Regionalidade pela Universidade de Caxias do Sul (UCS). Graduado em Jornalismo pela mesma instituição. Professor no Centro de Ciências da Comunicação da UCS. Endereço eletrônico: marcell@bocchese.com.br

3 Pós-Doutora. Doutora em Teoria da Literatura pela Pontifícia Universidade Católica de Porto Alegre (PUCRS). Mestre em Letras pela mesma instituição. Professora no Centro de Ciências Humanas da UCS. Professora no Programa de Pós-Graduação em Letras, Cultura e Regionalidade da UCS. Endereço eletrônico: zanabertussi@terra.com.br

Jornalismo e literatura

Os escritores, desde o surgimento da imprensa,⁴ escreviam livros que eram publicados em jornais e revistas, obtendo eficazes formas de divulgação de seus textos. Assim, tiveram fundamental importância no processo de consolidação dos primeiros periódicos no mundo desde seu surgimento, em meados do século XVII, até o momento de consolidação, no século XIX.

Se se tomar como exemplo a imprensa mundial do último referido século, notar-se-á uma significativa influência da literatura sobre o jornalismo. Segundo Arnt (2001, p. 7), “eles [os escritores] vão interferir na maneira de se fazer e conceber o jornal. A influência dos escritores foi de tal ordem, que podemos qualificar esse período da história da imprensa de jornalismo literário”.

O jornalismo literário, ainda segundo Arnt (2001, p. 14), se desenvolveu no século XIX e se define pela “[...] forma de fazer jornal [...] caracterizada pela influência dos escritores da imprensa,⁵ que levam para as páginas dos jornais a crítica à sociedade e aos costumes da época”. Os autores desse jornalismo literário melhoraram a qualidade dos textos publicados já que, além de participarem da construção dos mesmos, assumiam funções significantes na redação de um jornal, como a de editores, por exemplo. (ARNT, 2001).

Segundo Lima (2004), quando possuir influências da literatura, o jornalismo literário seria como uma reportagem ou um ensaio de profundidade, em que se utilizam recursos de observação e redação inspirados, ou até mesmo originários, da literatura. Olinto (2008), no conhecido ensaio *Jornalismo e literatura*, diz que o jornalismo é um gênero literário. O autor refere-se ao jornalismo como um tipo de arte, aproximando-o da literatura, mesmo que o texto jornalístico, em algumas ocasiões, deva ser produzido sob “pressão”.⁶ Assim pondera: “Contudo, por maior que seja a pressão, o jornalismo tem, fundamentalmente, as mesmas possibilidades que a literatura, de produzir obras de arte.” (p. 13).

4 Como é sabido, a imprensa nasceu mais precisamente em 1436, na Alemanha, tendo Gutenberg como seu inventor. Ao criar a imprensa, Gutenberg criou também o livro – da forma como é concebido hoje – ao editar a *Bíblia*. (BRITO, 2007).

5 Segundo Sodré: “Os homens de letras buscavam encontrar no jornal o que não encontravam no livro: notoriedade, em primeiro lugar, um pouco de dinheiro, se possível. O *Jornal do Comércio* pagava as colaborações entre 30 e 60 mil réis; o *Correio da Manhã*, a 50. Bilac e Medeiros de Albuquerque, em 1907, tinham ordenados mensais, pelas crônicas que faziam para a *Gazeta de Notícias* e *O País*, respectivamente. (SODRÉ apud LIMA, 2004, p. 175).

6 Sobre o termo, o crítico elucida: “Pressão do tempo e pressão do espaço. Em todo o mundo, a cada instante, os cultores desse tipo de literatura lançam palavras sobre o papel, com a preocupação do tempo que passa e do espaço que é limitado. As frases ajustam-se a um tamanho, o pensamento é obrigado a trabalhar depressa.” (OLINTO, 2008, p. 13).

No mundo inteiro, a literatura e o jornal, por meio do jornalismo literário, produziam inúmeras representações de sua época.⁷ Balzac e Dickens foram grandes responsáveis por “desenhar” as mudanças ocorridas nas sociedades inglesa e francesa, por exemplo. “No século XIX, jornalismo e literatura estão intimamente ligados. As crônicas e os folhetins são fontes de informação inestimáveis sobre as sociedades.” (ARNT, 2001, p. 50).

Porém, é de afastamentos e aproximações que se configuram as relações entre jornalismo e literatura. Após a chegada dos anos 1900, por exemplo, “a literatura se constituiu como um campo separado, em que um ideal de arte pura e desinteressada se contrapõe à possibilidade de profissionalização, sinônimo de massificação do texto jornalístico”. (COSTA, 2005, p. 13).

Mais adiante, em 1960, surge, nos Estados Unidos, um movimento que aproxima novamente as duas áreas, o *New Journalism*.⁸ No Brasil, com a ditadura militar, novos caminhos se abrem para a inserção da literatura na atividade jornalística como o surgimento do romance-reportagem, por exemplo.

A diluição de fronteiras entre os gêneros está cada vez mais perceptível no campo literário, fruto de uma frequente relativização do conceito dos mesmos. No que se refere à literatura e ao jornalismo, esse campo relativista parece propício para estudos sobre convergências e divergências. Então, jornalismo e literatura “se confundem e divergem, numa contaminação incessante que se dá em maior ou menor grau, na medida em que cada um deles é ameaçado por crises de criatividade ou quando suas funções ou representatividades estão em xeque”. (NICOLATO apud COSTA; RIBEIRO, 2009, p. 31).

Assim, não se pode afirmar que a comunicação e a arte possam estar distanciadas, já que hoje se nota uma “impossibilidade de separação entre as comunicações e as artes, uma indissociação que veio crescendo através dos últimos séculos [...]”. (SANTAECLA apud MARQUES, 2010, p. 11). Ainda segundo a autora, convergir não é “identificar-se, mas tomar rumos que, não obstante as diferenças, se dirijam para a ocupação de territórios comuns, nos quais as diferenças se roçam sem perder seus contornos próprios”. (Apud MARQUES, 2009, p. 13). A convergência entre literatura e jornalis-

7 Passagem que elucida a importância da produção textual da época é citada por Arnt (2001): “No Brasil, foi por intermédio das crônicas de José de Alencar que os leitores tomaram conhecimento da introdução da máquina de costura no Rio de Janeiro; e, por Machado de Assis, souberam sobre as mudanças de comportamento causadas pela chegada dos bondes elétricos.” (ARNT, 2001, p. 33).

8 Sem prejuízo da informação e do fato, o modelo volta sua atenção para o poder da narração, para o envolvimento pessoal por parte do narrador e para a utilização de um realismo social intenso. Tom Wolfe, Jimmy Breslin e Gay Talese foram alguns dos precursores dessa nova forma de produção jornalística.

mo está realmente em pauta quando se quer estabelecer conceituação e delimitação dessas duas áreas.

A crônica

Partindo da proposição de um estudo sobre as aproximações entre áreas como jornalismo e literatura, entende-se que um dos gêneros mais propícios para estudo e análise é a crônica. Atualmente presente no terreno convergente entre as duas áreas, o gênero torna-se elucidativo, já que, a partir de sua evolução,⁹ incorporou elementos característicos tanto do jornalismo como da literatura, tornando-se, por natureza, híbrido.

A crônica, devido ao seu hibridismo, tornou-se um gênero literário e informativo. Se este aspecto de fonte de informação liga intrinsecamente a crônica ao cotidiano, à cidade, o estilo literário lhe garante perenidade. Na pena dos grandes escritores, torna-se um gênero em que se mesclam a informação factual e a cotidiana, a visão de mundo e o estilo de cada escritor. (ARNT, 2001, p. 14).

Anteriormente, na Europa da Idade Média e do Renascimento, o gênero crônica¹⁰ possuía estritas ligações com a historiografia, papel, mais adiante, também assumido em outros países. Ao citar Rodrigues, Melo (2002) ratifica essa aproximação, dizendo que de Heródoto e César a Zarura e Caminha, “a atividade dos ‘cronistas’ vai estabelecer a fronteira entre a Logografia – registro de fatos, mesclado com lendas e mitos – e a história narrativa”. (p. 139).

A evolução que marca o vocábulo *crônica* na Europa do século XVIII, onde o mesmo se desvincula do rótulo de recuperação do fato histórico, é destacada por Martins:

Pela primeira vez o que se escreve é artigo de consumo e o romance que antes era uma forma inferior e atrasada, torna-se um gênero híbrido, publicado nos jornais sob o título de folhetim (*feuilleton*). Desse modo, a crônica ou (e) o folhetim, pela sua forma de apresentação, desdobram-se em romances ou novelas com uma mesma denominação: folhetim era crônica, mas também a novela ou o romance, quando publicado em jornal. (1984, p. 8).

9 Segundo Candido (1992, p. 14), o gênero “[...] não nasceu propriamente com o jornal, mas só quando este se tornou cotidiano, de tiragem relativamente grande e teor acessível, isto é, há uns 150 anos mais ou menos.”

10 Tradicionalmente, seu conceito está ligado à concepção etimológica da palavra. O termo advém do grego *kronos*, que significa *tempo*, e se direciona ao latim: *chronica*, uma narração em ordem cronológica.

A crônica do século XIX passa a tratar de assuntos despretensiosos, leves e temas atuais. Os citados *feuilletons*¹¹ apareciam nos rodapés dos jornais. Coutinho (1971) escreveu:

Assim, “crônica” passou a significar outra coisa: um gênero literário em prosa, ao qual menos importa o assunto, em geral efêmero, do que as qualidades de estilo, a variedade, a finura e argúcia na apreciação, a graça na análise de fatos miúdos e sem importância, ou na crítica de pessoas. “Crônicas” são pequenas produções em prosa, com essas características, aparecidas em jornais ou revistas. [...] Chamavam-se as crônicas “folhetins”, estampados em geral em rodapés dos jornais (*feuilletons* – folhetins). (1971, p. 109).

Na imprensa brasileira do século XIX, via-se o modelo francês *feuilletons* na maior parte das publicações impressas. Moisés (2005) conceitua o gênero:

[...] Ambígua, numa ambigüidade irreduzível, de onde extrai seus defeitos e qualidades, [...] difere, porém, da matéria substancialmente jornalística naquilo em que, apesar de fazer do cotidiano o seu húmus permanente, não visa à mera informação: o seu objetivo, confesso ou não, reside em transcender o dia-a-dia pela universalização de suas virtudes latentes [...]. O cronista pretende-se não ser o repórter, mas o poeta ou o ficcionista do cotidiano, desentranhar do acontecimento sua porção imanente de fantasia. (MOISÉS, 2005, p. 102).

Mais adiante, o autor ressalta mais uma vez o caráter ambíguo do gênero, dizendo que “a crônica oscila, pois, [...] entre o relato impessoal, frio e descolorido de um acontecimento trivial, e a recriação do cotidiano por meio da fantasia”. (MOISÉS, 2005, p. 105).

Segundo Candido (1992), a crônica “[...] elabora uma linguagem que fala de perto ao nosso modo de ser mais natural. Na sua despretensão, humaniza; e esta humanização lhe permite, como compreensão sorrateira, recuperar com a outra mão uma certa profundidade de significado [...]”. (CANDIDO, 1991, p. 13-14).

Como lembra Melo (2002), a crônica nas imprensas brasileira e portuguesa é um gênero opinativo jornalístico, na fronteira entre a informação e a narração literária, ou seja, “configurando-se como um relato poético do real”. (p. 147). José Jorge Letria e José Goulão (apud Melo, 2002) definem a crônica conferindo uma dimensão literária a sua conceituação. Nota-se:

Este gênero jornalístico é o que mais contactos tem com os gêneros literários clássicos. Os fatos são, portanto, um pretexto para o autor da crônica. A partir daí ele dá vazão aos seus sentimentos e, com absoluta legitimidade, pode entrar no domínio da ficção. A associação de idéias, o jogo de palavras e conceitos, as contraposições, misturam o real e o imaginário como forma de fazer realçar o primeiro. (LETRIA; GOULÃO apud MELO, 2002, p. 151).

11 Originário da França, no começo do século XIX, *le feuilleton* tinha seu lugar certo em um jornal: no *rez-de-chaussée*, ou seja, no rés-do-chão, no rodapé. Na primeira página dos jornais franceses e destinado ao entretenimento, o folhetim serviu de base para a crônica brasileira.

Ainda segundo Melo (1985), um espaço da crônica brasileira é o livro,¹² que ao longo das últimas décadas, tem sido muito utilizado para a publicação de crônicas, editado sob a forma de antologia. A seleção de crônicas regionais publicadas em *Quando cai a neve no Brasil*, do escritor gaúcho Paulo Ribeiro, objeto de estudo da presente pesquisa, é um exemplo dessa prática.

A crônica como manifestação jornalístico-literária

Um dos conceitos sobre a atuação de um cronista – que muito bem se aproxima do papel desempenhado por Ribeiro em *Quando cai a neve no Brasil* (2004) é abordado por Martins (1984), que trata o cronista como um historiador de uma época, que apreende do cotidiano os fatos, até mesmo os mais comuns, acrescentando a eles uma intensa significação, por meio da ficção e da fantasia.¹³

Ribeiro é o historiador de uma época e de uma região. O cotidiano relatado, muitas vezes, é o cotidiano de sua infância, de sua juventude. Assim, a crônica pode servir como fonte de informação inestimável sobre uma determinada sociedade (ARNT, 2001), e esse é o caso de alguns dos textos de Ribeiro, ao mesmo tempo que resgata sentimentos e vivências subjetivas.

A temática da região dos Campos de Cima da Serra, sempre presente no conjunto de produções literárias¹⁴ do autor, é enfática nas suas crônicas. Exemplo disso é a seleção de textos em *Quando cai a neve no Brasil*,¹⁵ obra publicada em 2004, uma coletânea de crônicas publicadas pelo autor no jornal *Pioneiro*,¹⁶ de 1996 até o ano de lançamento da obra. Na obra, Ribeiro trata de aspectos de sua terra, Bom Jesus, interior do Rio Grande do Sul, traçando um retrato da cultura dos habitantes da região dos Campos de Cima da Serra, além de tratar de sua própria história de vida. Em contato com o livro, o leitor se depara com um estilo que transita entre o jornalismo e a literatura. As crônicas de Ribeiro são carregadas de sentimentos íntimos que o reportam às suas origens.

12 Sobre a presença da crônica em livro, Candido (1992) diz que “[...] quando passa do jornal ao livro, nós verificamos meio espantados que a sua durabilidade pode ser maior do que a ela própria pensava.

13 Segundo Candido (apud MAGNI, 2010, p. 91), a fantasia “se refere constantemente a alguma realidade: fenômeno natural, paisagem, sentimento, fato, desejo de explicação, costumes, problemas humanos, etc. Eis porque surge a indagação sobre o vínculo entre fantasia e realidade”.

14 No conjunto das publicações do autor, 11 no total, além da crônica, encontram-se gêneros como romance, conto, poesia e romance-reportagem.

15 No livro está publicada a crônica *Em nome do pai*, que foi a vencedora do Prêmio ARI de Jornalismo, em 1997, a qual trata de um tema delicado para o autor, a perda de seu pai. No mesmo ano de publicação da obra, Ribeiro participou da antologia *Os cem menores contos brasileiros do século*. São Paulo: Ateliê, 2004, com o conto “Quase quadrilha”.

16 O veículo é regional e pertence ao Grupo RBS (Rede Brasil Sul).

Pozenato, no prefácio da obra, resume sua temática:

é o mundo dos Campos de Cima da Serra, ali naquele pedaço que mais despenca para Santa Catarina do que se agarra no Rio Grande do Sul. Isso quer dizer que, em sua obra, ficção e documentário se cruzam para oferecer uma imagem de muitas faces do homem dessa região. (2004, s. p.).

Parte-se, a seguir, para a análise, à luz dos levantamentos teóricos já referidos, de três crônicas contidas na obra em questão, intituladas: “Bonja amada”, “Saudade” e “Em nome do Pai”.

Bonja Amada: o retrato de uma cidade¹⁷

A crônica “Bonja amada”, cujo próprio título já carrega uma significativa dose de sentimentalismo, é o texto de abertura de *Quando cai a neve no Brasil*. A crônica recria o passado da cidade natal do autor: Bom Jesus. Atento ao fato de a cidade estar comemorando seu 83º aniversário, Ribeiro tece um retrato jornalístico-literário de sua localidade, num texto cuja profundidade e riqueza de detalhes são grandes, e em que até mesmo os sons, com o uso de onomatopeias, são importantes para criar o clima local.

Inicialmente, Ribeiro descreve um desfile que, em virtude da comemoração do aniversário da cidade, era realizado todos os anos. Guardados na memória do escritor, inúmeros elementos são trazidos ao texto com a propriedade de quem fora testemunha dos fatos. Observe-se:

Blém! Blém! Blém! Lá vem o Seu João Maria, na subida da Laurindo, tocando a sineta. Ele vem cercado e seguido de toda a gurizada do mundo. Frim! Frim! Frim! Os meninos apitam, sincronizados pelo comando da parteira Vó Joaninha. De cima de um carro de boi, Frei Getúlio já contou as 2.347 badaladas da sineta do Seu João. Frei Getúlio é quem faz a estatística. [...] Ginásio, Hospital e Igreja, simbolizados em cartazes, desfilam agora conduzidos por jovens uniformizados. Enquanto passa esse cortejo, alguém da arquibancada grita: – Impedimento, João Maria. (p. 15).

O imaginário do escritor, saudoso de sua terra, é responsável pela descrição dos principais fatos e tipos da cidade, com suas mais peculiares características. Ruas, calçadas e lugares ainda povoam a memória do escritor, como se cada um fizesse parte de um grande mosaico de significativas lembranças trazidas aos textos, como destacado:

João Maria Padilha. Como não lembrar dessa figura batendo sua sineta no “Conde”? Como não lembrar do Seu João apitando impedimento de oitenta gerações de meninos? [...] Bom

¹⁷ A partir deste ponto do trabalho, todas as citações de Paulo Ribeiro são provenientes da obra *Quando cai a Neve no Brasil* (2004).

Jesus é assim, é a história de sua gente, de suas figuras. Do jornalista Alorindo, que nos trouxe a notícia que homens tinham caminhado na Lua. Bom Jesus da D. Marieta, com suas seringas, do Dr. Simões curando a gripe. Bom Jesus da Tijica, do Pastel e do Lambreta. E quem não se lembra do centenário Joãozinho, um índio, índio mesmo, tomando banho de sol nas calçadas de nós-de-pinho na praça? Esse é o Bonja, com sua gíria peculiar. (p. 15).

No fragmento “como não lembrar”, por exemplo, fica explicitada a participação da memória da vivência do escritor e dos habitantes da cidade.

“Assim, amamos Bom Jesus por sua gente.” (p. 16). Com essa declaração, fica evidenciado o sentimento de amor e paixão do escritor por sua cidade e região. Em um dos últimos parágrafos, há ainda lugar para uma reivindicação: “Bom Jesus das pessoas, cidade, lugares pintados pelo pontilhismo de Agenor Conceição,¹⁸ que um dia haverá de ser reconhecido.” (p. 16).

Ribeiro resgata acontecimentos passados com extrema propriedade, já que teve o privilégio de, em muitos casos, ter sido testemunha ocular dos fatos, pois viveu e sentiu muitas das histórias narradas. Assim, o cronista não deixa de expor seu sentimento de nostalgia pelo passado de sua terra, como mostra o fragmento: “Não, não, não. Esse cortejo não existe mais. É só imaginário, só saudade.” (p. 15).

Por meio de uma linguagem elaborada, misto de objetividade e subjetividade, o autor coloca o leitor em contato com sua gente, com sua terra, e se mostra objetivo quando descreve de forma clara os acontecimentos, exercendo o que, para Olinto (2008), faz parte do papel do jornalista, ou seja, o propósito de narrar um acontecimento com o esforço de dar a ele uma essência de humanidade, fundamental para a sua permanência no tempo.

O escritor põe em todos os pequenos acontecimentos narrados uma porção de fantasia, justamente o que para Moisés (2005) configura-se como característica de um cronista. Todos os acontecimentos parecem muito significativos e sentimentais para ele. Assim, revela sua faceta mais literária quando, por exemplo, utiliza uma linguagem metafórica: Veja-se:

Ah, Bonja, com teus filhos ausentes! Dizem que só em Caxias somos mais de 35 mil bonjesuenses. E como não lembrar também dos ausentes mortos? Bom Jesus, com seu cemitério no alto da colina, onde, sem dúvida, lá iremos repousar. E como não lembrar, ainda, dos teus “ausentes” antecipados? Também gostamos de ti, São José das vitrolas da infância! Definitivamente, Seu João Maria, no Dia do Bonja, a saudade não tá em impedimento! (p. 16).

18 Agenor Conceição da Silva é um artista plástico, nascido em Bom Jesus, que se caracteriza por adotar um estilo pontilhista nas suas criações, influência possível de sua admiração pelo gravurista francês Gustave Doré. Agenor explora o universo dos Aparados da Serra em sua pintura. Nos anos 70 do séc. XX, expôs em Nova Iorque e vive ainda hoje em Bom Jesus.

Percebe-se como são representativos os “filhos ausentes” e quanto há de alusão emotiva nas “vitrolas da infância”. A metáfora do “impedimento” também demonstra o tratamento literário dado pelo autor ao seu texto.

Pode-se dizer, também, que o texto de Ribeiro foge do que, para Olinto (2008), está diretamente relacionado ao jornalismo: sua pouca durabilidade significativa. Na medida em que documenta muitos dos principais fatos de uma cidade e região, descrevendo suas características e narrando a atuação dos tipos humanos principais da localidade, com grande emoção, a crônica “Bonja amada” permanece significativa ao longo do tempo.

Pode-se perceber que, na crônica, encontram-se características que a aproximam tanto do jornalismo quanto da literatura. Em “Bonja amada”, perfeitamente inserida no gênero crônica, o contador de histórias, o cronista, usa subjetividade e lirismo, associados à representação do real. Livre de imposições, o texto desvela as várias maneiras de um homem expressar seu mundo, o que, para Martins (1984) é traço característico do gênero crônica.

Saudade: o relato íntimo de uma experiência universal

De todas as 92 crônicas publicadas em *Quando cai a neve no Brasil*, pode-se dizer que “Saudade” é o texto onde há uma das maiores exposições do *eu* do cronista, já que trata de um tema muito íntimo para o escritor: a morte de sua mãe.

Na crônica, o leitor depara-se com um relato intensamente emotivo, em que é revelado o mais profundo afeto filial de Ribeiro. Assim, o texto é baseado em um episódio real, em uma experiência recente vivenciada pelo escritor que, já nas primeiras linhas, expõe o fato, mas também expressando seu sentimento: “Vou escrever agora a frase mais difícil de toda a minha vida: minha mãe morreu.” (p. 57).

Na crônica há um extravasamento da alma do artista diante do espetáculo da vida. “Saudade” poetiza o relato de uma experiência humana. Percebe-se, claramente, a sensibilidade do cronista na metáfora “coração arrebatado”, como mostra a citação:

■ Não tinha ainda vivido a experiência da morte tão próxima, e um ser amado perdido é esta sensação intraduzível: saudade! Foi o que eu falei em seu velório, desconcertando a todos os amigos que talvez não esperassem esse meu procedimento no seu velar. Mas não era eu quem falava. Era meu coração arrebatado, era o meu soluço de emoção. Era o coração do jeito que estava e que ainda agora quer falar. (p. 57).

Nota-se, também, que o “soluço de emoção” revela o sentimento do emissor muito presente e extremamente realista. A crônica é ato de homenagem do escritor a sua mãe, que chega a pedir licença ao leitor para fazê-lo, extravasando sua subjetividade:

Terei eu direito agora de expor essa privacidade aqui? Peço que deixem. Afastem os rótulos, as análises, desprezem os “cordões umbilicais”. Fala-se aqui em reconhecimento, um testemunho que preciso deixar. Dona Carmem, analfabeta, mãe solteira, fez das tripas coração para me dar estudo. Sua vida, suas mãos carcomidas na lavagem de pratos, foi para o estudo, queria. Estudei. Se te orgulhei, é o meu orgulho. (p. 57).

Há muita subjetividade, muita privacidade exposta, ainda que o texto, por mais que tenha recebido tratamento poético, não deixe de lado características típicas da crônica jornalística ou seja, brevidade e objetividade, tornando pública uma experiência, de modo que a mesma se torne receptiva para o leitor.

Ribeiro parece manter uma proximidade com o cotidiano do seu público, na medida em que expõe uma experiência que se transforma em um conjunto de emoções, que pode causar variadas reações e sentimentos no leitor, como se lê:

Sinto-me sereno em poder revelar. Importava muito para mim dizer tudo isso, leitor. E disse: eu senti saudade ao velar minha mãe. Eu senti saudade aos seus pés no seu sepulcro. Dizem, saudade, é palavra rara, portuguesa, não se traduz. E eu, de fato, só agora a compreendo nesse último dizer: Descanse, querida mãe! (p. 58).

“Saudade” pode ser considerado um relato poético de uma experiência real, o que, para Melo (2002), é uma das características da crônica. Nesse gênero, o autor consegue transformar um episódio particular em uma possibilidade universal de reflexão sobre uma determinada realidade. No texto, percebe-se que Ribeiro é natural ao expor seu sofrimento, o que é típico do exercício cronístico.

Em nome do pai

Nessa mesma linha, encontra-se outra crônica de Ribeiro, intitulada “Em nome do pai”.¹⁹ Como no texto acima analisado, “Em nome do pai” trata de outro tema bastante íntimo de Ribeiro: a notícia da morte de seu pai.

Filho de mãe solteira, Ribeiro teve um contato bastante efêmero com seu progenitor. Diz ele: “Eu o vi uma, duas vezes, quem sabe, em toda a minha vida.” (p. 33). O que chama a atenção no texto é a forma direta como ele inicia a exposição de um assun-

¹⁹ Crônica vencedora da categoria no prêmio ARI de jornalismo em 1997.

to bastante privado, extremamente particular da vida do escritor, embora, nas entrelinhas, se possa pensar que há perplexidade diante do fato. Veja-se:

Tenho à minha frente uma foto de meu pai. Sim, esta crônica será bastante pessoal, mas o leitor logo há de compreender o seu motivo. Andei escrevendo, quinze dias atrás, que era filho só de mãe, lamentando o constrangimento a que somos expostos ao preencher a “famigerada filiação” (nome do pai, meu caso, filho de mãe solteira) nas fichas cadastrais, burocráticas, perguntadoras, enxeridas. Pois bem, logo depois da crônica, a notícia: “Sabia que o teu pai morreu há uns cinco ou seis meses!?” (p. 33).

Em seguida, Ribeiro inicia um minucioso relato de uma das únicas experiências vividas com seu pai. Na época, em meados da década de 60 do século passado, a profissão de caminhoneiro para o transporte de madeiras era bastante comum na região, já que a extração de madeira era muito explorada, como revela o autor:

Lembro dele me colocando a cavalo na sua perna pedindo que eu dissesse aos outros caminhoneiros – aos companheiros de viagem, que tomavam limãozinho perto de um velho Frigidaire rodeado de cadeiras de vime do Hotel de D. Ida – de quem era que eu era filho? Eu respondi, menino, que era filho dele. E ele, a barba áspera, alguns dias por fazer, então sorriu muito bonito, e ficou me exibindo ali, no “cavalinho”, como um troféu. (p. 33).

Não há dúvida quanto à grande emoção que sentiu o menino “a cavalo” na perna do pai, cujo orgulho era o menino em sua perna, no momento, exibido “como um troféu”.

A seguir, o cronista continua com o relato de um instante mágico para o então menino, pleno de sons e imagens, apreendido por sua memória e agora revelado em forma de texto:

Lembro depois dele saindo com o caminhão, descendo a estradinha do Cemitério, em direção à serraria, buzinando muito, com uma buzina potente e ensurdecidora que ele colocara no “grande” GMC. Eu saí correndo atrás daquele caminhão, dirigindo com a boca e fazendo mudança com as mãos. O menino queria ser como ele: motorista. Depois disso, nunca mais nos vimos. (p. 33).

Na crônica “Saudade”, Ribeiro recria, com arte, tudo o que vivencia. Os fatos já foram registrados pela memória do escritor, que se mostra capaz de não desprezar nenhuma das mais longínquas e significativas lembranças. No fim também está uma forte carga de sentimentalismo:

Agora soube de sua morte. A foto – está em minha frente foi minha mãe quem me deu. E, interessante, é que ganhei essa foto na mesma semana da crônica, e minha mãe não sabe ler. Alguém teria falado para ela do texto, ou foi pura intuição? Não importa. O fato é que agora a moça do cadastro já pode preencher, no quesito “pai” – em vez de um tracinho – escrever que ele é morto. E que eu sinto uma enorme saudade. E que até hoje não aprendi a guiar. (p. 34).

Há aqui a revelação do sentimento de “uma enorme saudade” de um pai ausente. Metaforicamente, essa carência está em “até hoje não aprendi a guiar”.

Entende-se que o texto “Em nome do pai” é uma crônica capaz de exercer o que, para Candido (1992), é um dos papéis do gênero: o de utilizar uma linguagem que se comunica de forma próxima e natural com o ser humano. Essa linguagem singela, muitas vezes denotativa que evita o uso de maior figuração, é usada na reconstrução de um fato por meio de uma apreensão subjetiva, que revela uma experiência humana descrita com emoção e habilidade pelo escritor.

Considerações finais

Uma demonstração da *frutífera* relação entre jornalismo e literatura, áreas que se confundem e divergem em contínuo processo, é a presença recorrente em terras brasileiras do gênero crônica que, por aqui, foi evoluindo e sendo disseminado de tal forma, que recebe contornos inusitados, diferentes daqueles que recebe em outros países. Como ressalta Galvani (2005, p. 41): “difícilmente encontraremos, em outras terras, um cronista na acabada versão brasileira, capaz de transformar uma borboleta em assunto”.

Ficou claro, portanto, que a crônica é um gênero de fronteira, entre o jornalismo e a literatura, o que dificulta sua conceituação. Todas as teorias examinadas corroboram essa afirmação, o que forneceu instrumental teórico importante para fazer a leitura de algumas crônicas pertencentes à obra de Ribeiro com segurança.

Sentimentais, subjetivos e metafóricos, mas também objetivos e informativos, conclui-se que as crônicas analisadas transitam entre a literatura e o jornalismo. Típico do exercício cronístico, conforme Martins (1984), há, em muitos textos de Ribeiro, um desvelamento de grande significação humana em fatos aparentemente corriqueiros, com argúcia em suas inúmeras apreciações. Ricas em detalhes descritivos, por mais breves e diretas que sejam, as crônicas analisadas revelam um escritor muitas vezes introspectivo, sensitivo e emotivo, cujas lembranças e vivências capacitam-no a redesenhar o movimento da vida, configurado essencialmente com humanidade e força criativa.

Assim, os textos escolhidos para o presente estudo, na medida em que usam uma forma de comunicação próxima do leitor, com uma linguagem simples e coloquial, também se valem de subjetividade e fantasia criativa, caracterizando-se como exemplares do amálgama entre o jornalismo e a literatura.

É importante destacar, também, que uma das possibilidades de aproximação do jornalismo do universo da literatura é sua abordagem do universal, característica também presente nas crônicas analisadas. Olinto (2008, p. 35), a respeito de reportagens jornalísticas, diz que “só chegarão a um futuro mais longínquo as reportagens que superarem o aspecto imediatista do jornalismo e plasmarem os acontecimentos com o golpe de verdade próprio das coisas universais”. À luz desse conceito, conclui-se que as crônicas selecionadas de Ribeiro, longe de permanecerem apenas no enfoque imediato dos fatos, aproximam-se da literatura justamente por terem esse tratamento universal e usarem a criatividade da literatura, o que lhes confere durabilidade no tempo por sua significação para todos os homens.

Próprio do exercício da crônica, como visto anteriormente a partir de Moisés (2005), conclui-se que os textos de Ribeiro transcendem o dia-a-dia justamente pela “universalização de suas virtudes latentes”, o que acaba comprovando suas publicações em livro. Perenes e próximas da história, as crônicas de Ribeiro revelam um autor ficcionista do cotidiano, este recriado com fantasia e estilo literário.

Finalmente, o autor-narrador revelar-se um escritor introspectivo e emotivo, cujas lembranças possibilitam a representação do movimento da vida configurado com imaginação e inventividade.

“Falo da vida, do que é humano, do que é humano e universal”.

Paulo Ribeiro

Referências

ARNT, Hérís. *A influência da literatura no jornalismo: o folhetim e a crônica*. Rio de Janeiro: E-papers, 2001.

BOCCHESI, Marcell. *A crônica como gênero híbrido, entre o jornalismo e a literatura: uma demonstração através de Quando Cai a Neve no Brasil, de Paulo Ribeiro*. 2011. Dissertação (Mestrado Letras, Cultura e Regionalidade). Caxias do Sul: UCS, 2011.

BELTRÃO, Luiz. *Jornalismo opinativo*. Porto Alegre: Sulina, 1980.

BRITO, José Domingos de. Dos mistérios da criação literária. In: _____. (Org.). *Literatura e jornalismo*. São Paulo: Novera, 2007. p. 25-27. v. 3.

CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. In: _____ et al.. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. São Paulo: Ed. da Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. p. 11-22.

COSTA, Cristiane. *Pena de aluguel: escritores jornalistas no Brasil: 1904-2004*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

COSTA, Adriane Vidal; RIBEIRO, Ewerton Martins. Estado de Minas: do jornalismo literário à escrita técnica. *Conexão: Comunicação e Cultura*, Caxias do Sul: Educs, v. 8, n. 16, jul./dez. 2009.

COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Sul-Americana, 1971. v. 6.

GALVANI, Walter. *Crônica: o vôo da palavra*. Porto Alegre: Mediação, 2005.

MARTINS, Dileta A. P. Silveira. *História e tipologia da crônica no Rio Grande do Sul*. 1984. Tese (Doutorado em Letras) – PUCRS, 1984.

LIMA, Alceu Amoroso. *O jornalismo como gênero literário*. São Paulo: Com-Arte; Edusp, 1990.

LIMA, Edvaldo Pereira. *Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*. São Paulo: Manole, 2004.

MARQUES, Fabrício. Jornalismo e literatura: modos de dizer. *Conexão: Comunicação e Cultura*, Caxias do Sul: UCS, v. 8, n. 16, jul./dez. 2009.

MELO, José Marques de. *A opinião no jornalismo brasileiro*. Petrópolis, Vozes, 1985.

_____. A crônica. In: CASTRO, Gustavo de; GALEANO, Alex (Org.). *Jornalismo e literatura: a sedução da palavra*. 2. ed. São Paulo: Escrituras, 2002. p. 139-154.

MOISÉS, Massaud. *A criação literária*. 19. ed. São Paulo: Cultrix, 2005.

OLINTO, Antonio. *Jornalismo e literatura*. Porto Alegre: JÁ, 2008.

POZENATO, José Clemente. Ausentes e presentes. In: RIBEIRO, Paulo. *Quando cai a neve no Brasil: crônicas*. Porto Alegre, Artes e Ofícios, 2004. s. p.

RIBEIRO, Paulo. *Quando cai a neve no Brasil: crônicas*. Porto Alegre, Artes e Ofícios, 2004.